

O ACADÊMICOS DO DENDÊ DA ILHA DO GOVERNADOR

COMPETIÇÃO E COLABORAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS INSULANAS

Ricardo José Barbieri (UFRJ)

Para abordar as redes de relações sociais estabelecidas pelos componentes de uma escola de samba no processo de preparação de seu carnaval, foi escolhida uma pequena escola carioca da Ilha do Governador: Acadêmicos do Dendê. Suas relações com as outras duas escolas do bairro, bem como as formas de expressão simbólica do pertencimento a ele, são aqui tomadas como objeto de análise. Nesse percurso observamos o comportamento dos mediadores das redes de relações sociais nos processos de sociabilidade dentro da escola, e os conflitos ocorridos durante a eleição de outra escola insulana são apresentados com seus desdobramentos no desfile do Dendê. O fazemos enquanto situação social tomada sob a perspectiva de “drama social” em tentativa de iluminar o processo de reflexão.

CARNAVAL, ESCOLAS DE SAMBA, BAIRRO, DRAMA, SOCIABILIDADE.

BARBIERI, Ricardo José. O Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador: competição e colaboração entre as escolas insulanas. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 183-197, nov. 2011.

O ENCONTRO COM O OBJETO E A “ALMA ENCANTADORA DOS BARRACÕES”

Tal qual João do Rio, seduzido pelos personagens, pelos aspectos e por tudo mais que encantava nas ruas, em determinado momento durante pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado em Antropologia pela UFRJ, me vi percorrendo barracões nas vésperas do carnaval, como se buscasse a sensação de já estar vivendo a festa e hipnotizado pela potência dos principais objetos rituais das escolas de samba (CAVALCANTI, 2001).

Assim, um impulso natural levou-me a tomar o barracão do Acadêmicos do Den-dê como ponto de partida para estudar as redes de relações sociais desenvolvidas por seus componentes através do universo das escolas de samba. A importância do barracão de escola de samba como espaço de mediação e a própria alegoria como mediadora simbólica dentro do desfile emerge com mais força em diversos trabalhos. No entanto, acredito que o caráter revelador fica por conta de seu papel como espaço de mediação sociocultural, como frisou Cavalcanti (2006a, p.17). Assim, diferente do espaço da quadra, revelador de certo âmbito intimista da escola de samba, o barracão tem caráter mais aberto a seus componentes espalhados pelo Rio de Janeiro, fato exacerbado com as pas-

1. Os “ensaios-show” são apresentações da maior parte dos segmentos da escola de samba em grandes festas realizadas em sua quadra ou outros espaços e voltadas para o público externo.

2. Mesmo na Cidade do Samba, construída especificamente para a preparação do carnaval das escolas de samba, a ocupação tem caráter provisório já que a última colocada na competição do Grupo Especial, a primeira divisão, abandona o complexo cedendo seu barracão para a escola campeã do Grupo de Acesso A, a segunda divisão (Barbieri, 2008).

sarelas que permitem visualizar a preparação de todas as escolas na Cidade do Samba. Já na quadra localizada nas imediações de sua comunidade fundadora são realizadas atividades de caráter mais íntimo, como ensaios técnicos (para os quais apenas os componentes da escola são convidados, ainda que os portões estejam abertos a todos os interessados), as festas dos segmentos da escola e os chamados ensaios-show,¹ esses, sim, de caráter um pouco mais aberto do que os demais eventos.

A localização da quadra de certa forma é determinante, pois, especialmente em contextos de negociação, a quadra ganha natureza diferente daquela do barracão. É de fato espaço exclusivo da escola e do espaço geográfico ao qual ela está vinculada. O barracão localiza-se próximo ao Centro da cidade ou da região em que as escolas desfilam. Geralmente são galpões adaptados e de caráter provisório,² porém, se o barracão é de fácil acesso geograficamente, o mesmo não se pode dizer do acesso físico. Trata-se de locais em que as escolas mantêm seus segredos, suas surpresas, as alegorias que serão reveladas apenas na ‘avenida’. O fato de diversos barracões localizarem-se próximo aos de outras escolas e dos locais de desfile faz com que sejam espaços de ampla circulação de componentes de escolas de

diferentes regiões da cidade, que trocam entre si desde elementos alegóricos até os materiais mais básicos para a construção dos desfiles.

Como outro elemento revelador da importância do barracão, que se observa sobretudo no caso do Acadêmicos do Dendê, temos o fato de que evidencia-se nesse contexto o empenho da escola em posicionar-se singularmente dentro da hierarquia competitivo-carnavalesca, em contraponto com as escolas da primeira divisão.³ O contexto dos barracões de escolas de samba apresenta hoje nítida diferenciação, traçada especialmente a partir da construção da Cidade do Samba. Desde o barracão, podemos perceber com clareza o Dendê como escola que ocupa não apenas posição de valor substancial para a cidade do Rio de Janeiro, mas, de modo específico na Ilha do Governador, tendo que construir seu carnaval em espaço que muito contrasta com aqueles cedidos às escolas componentes da primeira divisão.

Iniciei meu trabalho de campo tentando contextualizar a posição da escola em distribuição das relações sociais, através de redes tramadas na Ilha do Governador. As questões sobre a natureza e a motivação dessas redes foram as mais diversas possíveis. Deparei-me com aspectos que iam desde a formação de alianças políticas, no sentido de fortalecer o bairro frente à cidade como um todo e elevar sua posição simbólica dentro do contexto do já enunciado “mundo do samba”, até as simples trocas de materiais entre as escolas com os barracões vizinhos, além de afinidades pessoais existentes entre os diferentes componentes. Foi a partir da preparação no barracão que me dei conta desse emaranhado de redes encetadas a partir da eleição de outra escola da Ilha, a União da Ilha do Governador, e com ele tomei contato. O papel desses agentes mediadores, unificados por interesses múltiplos e não necessariamente estáveis, aparece nítido neste trabalho reforçando a complexidade sociológica das escolas de samba, mesmo em sua escala elementar.

A busca do elementar emerge aqui como explicação para a escolha do Acadêmicos do Dendê, uma escola da quarta divisão do carnaval carioca, considerada pequena no amplo contexto das escolas de samba. O caso do Dendê é especialmente singular em razão de sua posição em face das outras duas escolas do bairro. É comum encontrar pessoas surpresas pelo fato de a Ilha do Governador ter três escolas de samba, assim como surpreende número ainda maior em outros bairros e regiões do Rio de Janeiro.⁴ O caráter e o papel de cada uma delas na vida da região é revelador. Considerando essas relações podemos posicionar os habitantes da Ilha do Governador frente à cidade do Rio de Janeiro. Encontrar o “lugar” simbólico da Ilha do Governador dentro do contexto da metrópole será um dos objetivos desta pesquisa.

3. Tomo aqui como referência da hierarquia competitiva do carnaval carioca o quadro elaborado em Barbieri, 2010 em que a primeira divisão é equivalente ao grupo Especial, e a sexta e última divisão é o Grupo E.

4. Jacarepaguá abriga atualmente seis agremiações: Renascer de Jacarepaguá, União de Jacarepaguá, Tradição, Unidos do Anil, Mocidade Unida de Jacarepaguá e Império da Praia Seca.

O ACADÊMICOS DO DENDÊ NA ILHA DO GOVERNADOR

O lugar do Acadêmicos do Dendê na Ilha do Governador bem como suas relações com escolas locais mais antigas, como União da Ilha e Boi da Ilha, que contam com sta-

tas mais elevado na hierarquia das escolas de samba na cidade, é tema relevante de investigação. No carnaval pesquisado – o de 2009 – a União da Ilha disputou uma das vagas para a elite do carnaval carioca no Grupo de Acesso A, a segunda divisão das escolas de samba; já o Boi da Ilha desfilou na terça-feira de carnaval no Grupo Rio de Janeiro 1, a terceira divisão. Enquanto isso, o Acadêmicos do Dendê – como integrante do Grupo Rio de Janeiro 2, a quarta divisão – disputava o direito de retornar à Marquês de Sapucaí, posição, como vimos, de alto valor para as escolas e que marca importante ruptura na hierarquia ritual.

O estudo da metrópole, sobretudo em seus aspectos simbólicos, passa em geral pelo estudo de dimensões geograficamente reduzidas de seu território. Um exemplo é o estudo de Graça Cordeiro e Antônio Costa (1999) sobre a festa anual dos santos populares em Portugal. Nesse caso, trata-se de festa em que a esfera pública financia, em parceria com associações locais, os “arraiais” que enfeitam as ruas de um bairro e as “marchas populares” que concorrem entre si num desfile ritualizado. Dessa forma, consolida-se a imagem de cidade polarizada em torno de “pequenos núcleos vivenciais, olhados habitualmente como microcosmos residuais de vida comunitária” (CORDEIRO; COSTA, 1999, p.58). No que diz respeito ao modo de financiamento e à parceria firmada para sua organização, a forma de celebração assemelha-se à de organização do carnaval carioca. Prosseguindo, vemos como as semelhanças nos levam a vislumbrar na análise de sua relação com esses chamados “microcosmos residuais da vida comunitária” um caminho a ser seguido. Os bairros populares são apontados como “representações que integram a própria realidade social da cidade, que os instituiu como um de seus bens patrimoniais mais preciosos” (ÍNDIAS; COSTA, 1999, p. 59). No caso dos bairros populares de Lisboa, eles surgem como lugares reais e imaginados, em que a ação ou a dominação simbólica se apresenta de forma paradoxal no processo de construção identitária (p. 62).

Outra forma interessante para investigar a relação da escola e de seus integrantes com o bairro é através da categoria “pedaço” já utilizada por José Guilherme Magnani (2003; 2002), que trabalha com o conceito de “pedaço” como parte de uma família de categorias terminológicas que inclui ainda “mancha”, “circuito”, “trajeto” e “pórtico”. O objeto da pesquisa em questão era principalmente o lazer na periferia de São Paulo, com foco no circo como forma de expressão da cultura popular atraente no contexto daqueles bairros. A entrada e circulação dos circos nos bairros envolvia contexto de negociação e movimentação entre diferentes redes de relações, que tinham determinada ordem e estavam sujeitas a controle social baseado na oposição “vizinhança/fora da vizinhança”. O pedaço era um espaço “intermediário entre o privado e o público onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a dos laços familiares” (MAGNANI, 1998, p. 116).

Inicialmente, podemos encontrar dificuldades em definir qual seria o “pedaço” do Dendê na Ilha do Governador. Seria o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador, do Morro do Dendê ou da Ilha do Governador? Para tanto, vamos definir a Ilha do Governador e as representações coletivas a ela associadas.

Apesar de todo o orgulho de seus moradores, que se definem como “insulanos”, a Ilha do Governador deixou de ser um bairro há muito tempo, dividida, desde 1981, por decreto do prefeito Julio Coutinho em seus atuais 17 bairros. Até a década de 1960, por ter apenas uma saída, a região era pouco povoada e considerada balneário para as camadas médias cariocas (IPANEMA, 1991). Atualmente, a Ilha do Governador é densamente povoada: cerca de 250 mil habitantes em 33,53km² segundo o Censo Demográfico de 2000. Boa parte do acelerado desenvolvimento começou com a inauguração da chamada Ponte Velha do Galeão, em 1949, que a ligou ao continente. Logo depois da inauguração, instalações militares chegaram à Ilha do Governador, como a Base Aérea do Galeão, os quartéis dos Fuzileiros Navais e a Estação de Rádio da Marinha, assim como grandes empresas, Petrobras, Exxon Mobil e Shell, por exemplo, ainda hoje instaladas na região. Para a consolidação desse processo, porém, foi decisiva a transformação do Aeroporto para receber voos internacionais, em 1977 (IPANEMA, 1991). Com tudo isso, a Ilha do Governador, até então socialmente homogênea, passou a conviver com a heterogeneidade característica das metrópoles. Hoje, seus diferentes bairros apresentam características diferentes, apesar de a Ilha em si ser considerada um todo por seus moradores, auto-definidos como insulanos – “Na Ilha é todo mundo insulano, por isso Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador”, afirma um morador do Dendê – perante a cidade do Rio de Janeiro, que chamam de “lá fora” – “Quando eu falo lá fora que moro na Ilha as pessoas acham que moro bem. Eu acho agradável dizer que moro na Ilha. É melhor do que dizer que moro em Caxias, por exemplo” complementa um do Bananal.

Atualmente são quase 40 favelas distribuídas nos 17 bairros da Ilha do Governador. A maior delas é o complexo do Dendê, no bairro de mesmo nome. Por ser a maior tornou-se símbolo para os insulanos de todo um imaginário relacionado às favelas que as associa à pobreza e à criminalidade. Aqui a noção de “regiões morais” proposta por Robert Park em seus estudos de “ecologia humana” revela-se útil. Park, um dos integrantes da chamada Escola de Chicago com contribuições definitivas para os estudos das metrópoles, enxergava na vida dos homens nas cidades a busca de “organizar-se de acordo com seus gostos e temperamentos”. Uma região moral encarada de acordo com a perspectiva assim proposta “permite ao indivíduo o purgar de impulsos selvagens e reprimidos por meio de expressão simbólica” (Park, 1979, p. 66). A proliferação de favelas levou a consequente temor dos insulanos, que as consideram lócus em que a pobreza deu lugar à associação com a criminalidade. Esses fatores entram em jogo quando temos como aspecto primordial sua identificação como espaço de venda de drogas e a escola de samba associada à expressão simbólica desse tipo de movimento por uma série de fatores, entre eles, e talvez o principal, o mecenato.

Ocupando atualmente área de mais de 230 mil metros quadrados, com população de cerca de 9.900 moradores em 2.704 domicílios segundo dados do último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2000, o Morro do Dendê é o ponto mais alto da Ilha do Governador, estende-se pela maior parte do Jardim Carioca, com saídas para os bairros Tauá, Cocotá e Cacuia. A ocupação do local iniciou-se em 1940, segundo dados do

Instituto Pereira Passos, e seus primeiros moradores, vindos do Nordeste, chegaram na Ilha de barca, o único meio de transporte que a ligava ao resto da cidade. No local, encontraram uma plantação de dendê, que acabou dando nome à comunidade. Começaram a ocupar a parte mais alta do morro, atualmente conhecida como Centro. Durante muitos anos proprietários ameaçaram os moradores com remoção, que de fato nunca foi concretizada. Boa parte dessa resistência era ligada a um líder comunitário do início da década de 1960, Antônio Bananeira, que em 1961 fundou a associação de moradores do morro.

Procurando entender essa relação através da geografia do bairro, vemos que esse complexo localiza-se entre a região próxima da quadra da União da Ilha, no bairro do Caçuia, e a antiga quadra do Boi da Ilha do Governador, na Freguesia. Tal proximidade física entre as três escolas suscita naturalmente uma série de interseções e ampla gama de pertencimentos múltiplos dos componentes das três escolas.

AS INTERSEÇÕES DAS ESCOLAS DA ILHA: O PERTENCIMENTO E A DISPUTA FESTIVA

As relações entre as escolas da Ilha do Governador têm importância vital para seu desempenho no regime competitivo carnavalesco. Neste ponto, passamos a uma importante reflexão a ser feita ao analisar o universo das escolas de samba: a relação entre “coirmãs”.

Como indicou Cavalcanti (2006), as escolas de samba costumam simultaneamente associar-se e rivalizar. Por participarem do mesmo regime de disputa que as organiza em hierarquia competitiva, ainda que em grupos diferentes, todas são rivais. Além de competição, trata-se de festa em que as escolas compartilham interesses comuns e organizam-se de modo a realizar com sucesso seus desfiles.

Atualmente, uma das manifestações dessa dimensão associativa da vida das escolas de samba pode ser percebida na ocupação da Cidade do Samba, com a cessão de antigos barracões às escolas, na troca entre elas de adereços, fantasias e esculturas e nas visitas às quadras mais diversas em toda a região metropolitana (FERREIRA, 2004).

Em *Ensaio sobre a dádiva*, Marcel Mauss (1978) explicita um sistema de prestações e contraprestações obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Esse tipo de troca é nomeado e definido pelo autor como “sistema de prestações totais de tipo agnóstico”. Essas trocas expressam ampla gama de instituições (religiosas, jurídicas, morais, econômicas e outras) e níveis distintos da realidade, o que permite tomá-las como fenômenos sociais totais. Elas envolvem também diferentes formas de vinculação social – da colaboração à competição, fortes rivalidades e hierarquias. Como já apontou Cavalcanti (2006), essas considerações de Marcel Mauss, posto que vão muito além do mero desfile carnavalesco, são bastante relevantes para iluminar as relações desenvolvidas pelas escolas de samba no decorrer do processo de preparação para o clímax do ritual competitivo. A rivalidade e o antagonismo perpassam essas práticas, e, simultaneamente, outros

elementos, como a colaboração e o apadrinhamento, podem ser observados na preparação dos desfiles.

A ocupação relativamente recente dos barracões na Cidade do Samba evidenciou as amplas questões que podem ser desenvolvidas a respeito do tema (BARBIERI, 2008). As implicações dessa ocupação envolveram não apenas o grupo de escolas que compõe o Grupo Especial, mas toda a rede de relações sociais (BOTT, 1976) dos componentes das 72 escolas de samba cariocas. Nesse contexto, emergiram inúmeras prestações e contra-prestações obrigatórias, sempre enfatizadas nas falas dos atores sociais envolvidos, como cessões às “coirmãs” que, vale lembrar, são sempre possíveis e/ou prováveis adversárias no carnaval do ano seguinte.

Aqui temos um importante componente do fenômeno da chamada “identidade englobante”, ligada nesse caso à União da Ilha do Governador, que justifica minha escolha como ponto de partida para a análise das relações desenvolvidas entre as escolas insulanas. No caso do Dendê vemos um processo identitário sendo construído, de modo similar ao que Fredrik Barth apresentou logo no início do capítulo sobre os agricultores noruegueses:

a participação e autoavaliação desses agricultores no que diz respeito aos valores noruegueses mais gerais assegura um pertencimento contínuo ao grupo étnico mais amplo, apesar dos padrões de atividade extremamente específicos e desviantes que a ecologia local lhes impõe (BARTH, 2000, p. 31).

O autor prossegue demonstrando de forma clara o ponto ao qual queremos chegar na comparação dos dois fenômenos enquadrados nesse caso do Acadêmicos do Dendê. Trata-se do contato e das mudanças culturais que Barth (2000, p. 59) indica como “fenômeno muito generalizado conforme a dependência dos produtos e instituições da sociedade industrial se espalha pelo mundo”. Assim, segundo o autor, entre as principais estratégias adotadas por grupos interconectados que participam em diferentes sistemas sociais mais amplos temos: a) tentar passar para a sociedade e o grupo cultural industrial previamente estabelecido; b) aceitar o *status* de minoria e tentar estabelecer-se dessa forma ou c) reforçar a identidade étnica usando-a para estabelecer novos padrões.

O que tentarei demonstrar é resultado da adaptação à primeira estratégia pela qual, conforme Barth demonstra, os “inovadores” optam por enfatizar características que os aproximam de uma identidade primária potencialmente adequada a servir de referencial para o grupo. No contexto do Acadêmicos do Dendê, muitos de seus componentes participam também das duas outras escolas da Ilha do Governador. Esse fato é recorrente. O interessante foi observar que muitas dessas pessoas, ao falar sobre suas adesões e associações, recorrem à “identidade primária” ou “englobante”, ou seja, a seu pertencimento à Escola de Samba União da Ilha do Governador – ainda que em eventos nesta última escola ou outros que colocavam em contato escolas que ocupam faixas parecidas na estrutura hierárquica do carnaval o Dendê fosse representado por esses mesmos componentes, que eram nesse contexto relacional “Acadêmicos do Dendê” ou “sou Dendê”. Confrontados por membros ou torcedores de escolas maiores de fora da Ilha, entretanto,

esses componentes recorriam à “identidade primária” na maior parte dos casos e tornavam-se “Ilha” ou “União”.

Portanto, mesmo nos casos em que o componente do Acadêmicos do Dendê é “Dendê” e não “União”, ele carrega características e traços que o identificam também com a “União”. Exemplo de situação em que esses discursos e situações se acirram pode ser tomado de estudo das relações políticas entre as escolas insulanas. E não poderia haver caso mais exemplar de tal estudo do que o processo eleitoral da maior escola do bairro e suas implicações para a construção do carnaval do Acadêmicos do Dendê. Através das disputas internas observadas no desenrolar da preparação do carnaval do Acadêmicos do Dendê, percebemos como, em determinados momentos, as escolas de samba funcionam como espaços de mediação e sociabilidade. Na verdade, a conformação do bairro do Dendê como espaço restrito, cujo acesso só é permitido e a visibilidade só é acionada através da escola de samba, torna isso muito mais evidente.

O tempo todo esse tipo de associação entre “o morro e a escola” é acionado pelos sambistas, e o desfile é o momento de afirmação dessa visibilidade positiva frente a toda a cidade. Como consequência da grande visibilidade social alcançada através do desfile, a escola de samba torna-se espaço de disputas internas por espaços sociais de atuação e prestígio, que emergem com clareza no processo de confecção das alegorias e fantasias e em impressões, comentários e avaliações dos componentes ao término dos desfiles.

Devemos refletir a respeito do tipo de prestígio que está em jogo em uma pequena escola de samba. Quais as vantagens e desvantagens, quais os pontos positivos e negativos que permitem com que os resultados de um desfile sejam elaborados como uma espécie de “termômetro de prestígio político” do grupo que ocupa a direção de uma escola? Qual a natureza do poder de um diretor de carnaval, de harmonia ou até mesmo do presidente de uma pequena agremiação como é o caso do Dendê?

Para responder a essas questões, vamos focalizar o que seria a definição de política para essas pessoas. Qual a concepção de política no contexto de uma festa popular? O tema já foi tratado por diversos autores, e um dos enfoques mais interessantes e relacionado diretamente ao assunto, é o da antropóloga Alba Zaluar (1985) no artigo *Carnaval e clientelismo político*, texto em que a autora trata do tema das relações políticas através das relações estabelecidas entre políticos e uma agremiação carnavalesca em uma localidade “pobre” do Rio de Janeiro.

As relações necessárias para a intermediação concentram-se nos dirigentes que direcionam as necessidades da agremiação para essas relações. Logo, esses indivíduos “mediadores”, que apelam aos candidatos e ocupantes de cargos por materiais e interesses da agremiação, podem ser enxergados em perspectiva de aquisição de poder político. Esse papel é reservado e evitado, como iminente campo de conflito, sendo assim a “política, isto é a competição pelo poder e pelo mando” (ZALUAR, 1985, p. 37).

No contexto de uma escola de samba, portanto, política estaria associada “à foca, à violação de regras, à reciprocidade desfeita e se opõe à união, ao esforço comum,

à solidariedade” (IDEM). Logo, são recorrentes as utilizações do termo “política” para designar assuntos delicados que podem levar a sérias cisões no grupo ou fora dele. É a partir da maior ou menor habilidade na manipulação e na intermediação dessas relações que podemos localizar um primeiro indício do prestígio de um dirigente de pequena escola de samba.

Aqui ressaltamos os aspectos trabalhados pela política enquanto fruto de uma rede de pessoas “que interagem e se influenciam reciprocamente por relações complexas e dinâmicas” (KUSCHNIR, 2007, p. 9). Temos também um aspecto da cidade, ressaltado através dessa relação.

O caráter lúdico das relações aqui apreciadas – como a encenação de um drama e o envolvimento em um ciclo que desemboca em “jogo” no qual esse caráter relacional é encenado – leva-nos à “política” aqui descrita como drama social. Em outras palavras, a sociabilidade interna aos grupos dirigentes nas escolas de samba é motivada pela “política” e é vivida através de uma sucessão de dramas sociais interconectados e reelaborados por meio das posições alcançadas no quadro organizacional da escola e da inserção das pessoas na competição carnavalesca.

Cada desfile emerge, desse modo, como um ponto que estabiliza ou desestabiliza redes de relações sociais construídas e redefinidas num processo temporal mais amplo; um jogo de políticas relacionais em que as pessoas com seu prestígio transformam-se em coisas, pois, um bom dirigente vale mais e, sobretudo, por sua capacidade em articular redes de relações que mobilizam trocas de materiais que permitam a montagem de um bom desfile.

O pontapé inicial do projeto do Acadêmicos do Dendê, em busca de seu retorno aos desfiles do sambódromo, foi o enredo para o Carnaval 2009, “Pode preparar o seu confete que este ano na avenida tem Manchete”, com que a escola contaria a história do grupo Manchete na cobertura dos carnavais.

A tarefa, no entanto, não era tão fácil quanto eles imaginavam, e podemos verificar no processo de preparação para o Carnaval 2009 uma sucessão de cismas e continuidades, dramas sociais, tal como observados e conceituados por Victor Turner (1996) em seu trabalho sobre os Ndembu:

Identifiquei fases no desenvolvimento que seguiremos e observaremos em sequência mais ou menos regular. Essas erupções que chamei de “dramas sociais” têm uma forma processual, e as dividi em quatro grandes fases: quebra; crise; ação reparadora; reintegração ou reconhecimento do cisma (TURNER, 1996, p. 91-92).

AS ELEIÇÕES NA UNIÃO DA ILHA E A DEFINIÇÃO DO ENREDO NO ACADÊMICOS DO DENDÊ: A CRIAÇÃO DE UM PROJETO DE DESFILE

QUEBRA E CRISE: OS CARNAVAIS DE 2006 E 2007 NA UNIÃO DA ILHA

Como o processo que vamos relatar atravessou o período de três anos, indo do Carnaval de 2005 ao de 2008, é importante lembrar, antes de iniciarmos o relato, que a

5. *Sobre a temporalidade própria do ciclo carnavalesco anual, ver Cavalcanti, 2006.*

datação do ano carnavalesco por parte do mundo social do carnaval toma como referência a realização do desfile que culmina todo o ciclo de sua confecção. Como essa confecção se inicia mal terminado o carnaval do ano anterior, o ano carnavalesco na maior parte do tempo está um ano na frente do ano cronológico

co – a maior parte da preparação do “Carnaval 2006” ocorreu durante 2005, e assim por diante.⁵

O ponto de partida de nosso primeiro drama pode ser a crise que irrompeu no final do Carnaval 2006, na União da Ilha do Governador. As eleições para a diretoria dessa escola ocorrem a cada três anos, e 2008 seria ano eleitoral, com eleições previstas para o mês de maio. Durante o mês de março de 2008 os candidatos, munidos da lista de votantes da escola, articulavam suas alianças para a formação do conselho composto por duas chapas. Esse conselho é o responsável pela eleição do presidente, pois o processo eleitoral é indireto. Têm direito a voto os sócios proprietários munidos de título da escola e que tenham pago contribuição mensal durante pelo menos um ano antes da realização do processo eleitoral. Acompanhei esse processo como parte do universo de eleitores e desfilantes da União da Ilha.

Durante o período, logo foi necessária tomada de posição sem que isso, no entanto, influenciasse minha circulação entre os membros das duas chapas. Foi, portanto, a partir de meu apoio explícito à chapa de oposição que obtive maior sucesso no recolhimento de informações privilegiadas quanto a movimentos dos candidatos e seus respectivos eleitores. O momento da entrada no processo eleitoral foi marcante, principalmente por esse dilema próprio da observação participante, pois não sabia até que ponto minha entrada em um dos grupos poderia ser benéfica para a experiência da pesquisa, e resolvido por explícita tomada de posição com base em outros trabalhos que utilizaram da mesma metodologia (FOOTE-WHYTHE, 2005).

O resultado do Carnaval de 2006 se tornaria o estopim para a emergência de diversos atores, que logo se lançariam como prováveis candidatos às eleições que ocorreriam em maio de 2008, ou seja, em pleno ciclo carnavalesco para 2007 com desdobramentos ainda no carnaval seguinte. Enfim, a União da Ilha saiu do Carnaval de 2006 com o terceiro lugar, considerado decepcionante para seus componentes, que contavam como certo o título e, com ele, a volta ao Grupo Especial⁶ ou à primeira divisão.

6. *Naquele ano, porém, a vencedora do grupo foi a Estácio de Sá.*

7. *Buscando preservar a identidade de alguns envolvidos no processo eleitoral da União da Ilha e por não ter expressado claramente minha intenção de descrever tal processo neste artigo, alguns nomes aqui apresentados são fictícios.*

Já no Carnaval de 2006 uma série de novos atores apresentou-se no quadro político que se desenhava na União da Ilha. Até então o grupo político de situação era encabeçado pelo presidente, Giordano,⁷ apoiado pelo presidente do conselho, Noel Flards, e pelo então diretor de carnaval e vice-presidente, Marco. Desde o carnaval anterior, Giordano havia convidado o então dono de um bingo na Ilha do Governador e também radialista, Jorge Ernane, para participar do cotidiano da agremiação. Jorge

Ernane foi ganhando destaque durante o Carnaval 2006, estando inicialmente como simpatizante da agremiação.

Outro personagem que então se destacou foi Sérgio Naves, dono da empresa que explora o trem do Corcovado, enredo da escola no Carnaval 2005: “Das veredas dos trilhos à conquista do pináculo Corcovado tentação”. Sérgio foi o principal patrocinador do Carnaval de 2006, que teve como tema São João Del Rei, sua cidade natal. Ele se posicionou também como mediador com relação a outros investidores para o Carnaval de 2007. Nesse cenário, Luana Tallie surgiu também como importante figura, considerada por alguns dos componentes da escola pessoa agregadora, pela desenvoltura com que já havia exercido o cargo de diretora das alas de comunidade da União da Ilha. Como personagens do grupo de oposição, havia ainda o ex-presidente da União da Ilha e do Acadêmicos do Dendê, Arnaldo Fogueira, e o compositor Franco, que fora candidato de oposição na última eleição, realizada em 2005.

Tendo desfecho insatisfatório no Carnaval de 2006, o de 2007 contou com Jorge Ernane no cargo de administrador, criado pelo presidente Giordano. Esse cargo, de certa forma, esvaziava as atribuições do então diretor de carnaval, Marco, e, na primeira rixa entre eles, ocorreu cisão no grupo de sustentação do presidente Giordano. Surgiu em cena nesse momento mais um importante personagem: o diretor de barracão e ex-presidente Paulinho, tio da diretora Luana, também sobrinha de um importante fundador da União da Ilha. A condução do Carnaval de 2007 ficou então basicamente nas mãos dessas três pessoas, já que o presidente Giordano esteve ausente na maior parte do processo.

A retirada de cena de Giordano pode ser atribuída a sua tentativa de omitir-se diante de denúncias de corrupção por parte do grupo de oposição que então se configurou, e que divulgou gravação telefônica que acusava Giordano de receber propinas em troca de facilidades nas negociações para o patrocínio de enredos da escola. Enquanto Giordano se defendia argumentando ser a gravação montagem arquitetada pela oposição, enfraquecia-se o presidente, ao tentar equilibrar decisões favoráveis ao grupo liderado por Marco, e o grupo liderado por Luana.

Voltemos nossos olhos ao que ocorria, simultaneamente, no Dendê. Vimos que o fortalecimento dos laços de afinidade do Acadêmicos do Dendê com a União da Ilha deveu-se a considerável ajuda para a construção do Carnaval de 2007. Aproximando o olhar, como confirmou em entrevista um dos dirigentes do Dendê, vimos que Luana fora importante na mediação para a cessão dos materiais da União da Ilha ao Dendê..

O Carnaval 2007 da União da Ilha foi marcado por uma série de problemas que os integrantes da escola atribuíram a manobras do grupo que estava afastado da escola nesse ano, liderado por Marco e Noel. Um deles foi a baixa frequência em dois dos ensaios realizados nas quartas-feiras, devido a boatos anônimos de cancelamento. No desfile, o sumiço de um pedaço da fantasia da comissão de frente – fato que foi determinante para o resultado, segundo um dos desfilantes – foi também atribuído a manobras do grupo de Marco, “que teria instigado o carnavalesco a abandonar a escola antes do desfile” o que acarretou o boicote ao desfile do grupo que integrava a comissão de frente.

AÇÃO REPARADORA: CARNAVAL 2008

No Carnaval de 2007, a União conseguiu apenas o quarto lugar na segunda divisão. Com isso, o grupo político encabeçado por Luana saiu da direção da escola, após manobra direcionada pelo grupo comandado por Noel e Marco. O presidente Giordano entregou então o cargo antes do término do mandato e quem assumiu foi seu vice-presidente, Marco. No Carnaval de 2008 a escola, comandada por Marco, decidiu por reedição do samba “É hoje” e obteve a quinta colocação.

Uma grande reforma tomou conta da quadra. Com a ajuda de novo patrocinador, um estaleiro localizado no bairro dos Bancários na Ilha do Governador, a candidatura da situação ganhou sustentação política. Assim, o grupo de situação lançou o até então presidente do conselho, Noel, como candidato à Presidência da escola, tendo o compositor Dênis Fênix como vice.

No decorrer da confecção do Carnaval de 2008 articulavam-se as chapas que concorreriam à presidência da escola em maio de 2008. De um lado, o grupo da situação e, do outro, a oposição que tinha Luana como candidata à Presidência e Léozinho, seu irmão e sócio em uma loja de presentes no Cacuia, como vice. Durante a articulação das candidaturas, em tentativa de reaglutinação de forças, Marco propõe a alguns integrantes do grupo de oposição a articulação em torno de seu nome para a Presidência da escola, o que implicaria retirar a presença de Jorge Ernane da chapa. Luana não aceitou, e a eleição ocorreu entre os dois grupos.

RECONHECIMENTO DO CISMA: AS ELEIÇÕES

As eleições foram realizadas quase que imediatamente após o desfile, em março de 2008, um mês depois do resultado do Carnaval 2008.

Todos os influenciáveis são peças importantes em um jogo; mesmo os quem não têm título, mas participam de alguma forma da escola são disputados pelos candidatos, incluídos os dirigentes das demais escolas insulanas. Uma minoria dos sócios tem participação em funções-chave do desfile, como bateria, harmonia, baianas, passistas. Considerável parcela da velha guarda participa do processo eleitoral, munida de títulos de baluartes.

Assim, as duas chapas realizavam festas, tentavam mostrar seu poder de influência e testavam a adesão dos eleitores. Pude comparecer às festas de ambas, ainda que de fato apoiasse a chapa de oposição, encabeçada por Luana. A presença dos componentes nas festas dos dois grupos, mesmo quando declaram seu voto à chapa rival, é corriqueira. De fato, o que vi foi uma reelaboração do processo de identificação com a União da Ilha. Muitos que se encontravam afastados da escola reafirmavam seu pertencimento, incluídos aqueles que desfilavam ou eram fundadores de algumas das outras duas agremiações.

A participação das outras escolas da Ilha se dava pela representação de seus dirigentes. O Boi da Ilha, comandado pelo presidente Eloy, tentava manter certa neutralidade, o que lhe conferia caráter independente da União da Ilha; porém, um dirigente apon-

tado como seu provável sucessor apoiava tacitamente a chapa de situação encabeçada por Noel.

Por outro lado, os dirigentes do Acadêmicos do Dendê apoiavam declaradamente Luana. Durante os eventos da candidata, sempre estavam presentes o presidente do Dendê, Macalé, e seu vice, Tuninho. Esse apoio, como veremos, se refletirá na construção do próximo carnaval da escola.

O desfecho da eleição foi a vitória do candidato Noel, que recebeu 222 votos contra 131 de Luana, num universo de 500 votantes. Com a eleição de Noel consolidou-se a saída do grupo de Luana da União da Ilha, bem como sua posterior ida para o Acadêmicos do Dendê.

A saída dos integrantes da chapa de Luana para o Acadêmicos do Dendê evidencia uma série de questões latentes, no que tange às relações entre as escolas de samba da Ilha do Governador. Inicialmente vimos as características que distanciavam as escolas umas das outras. Aqui já é possível observar como, na verdade, a relação entre as escolas é problematizada, de forma a criar convenientemente espaços de interação mais ou menos definidos (PARK, 1979) ou até mesmo formas de criação de identidade simbólica para determinados grupos (ÍNDIAS; COSTA, 1999).

CONCLUSÃO

Observamos como a rede de relações dos produtores e participantes das escolas insulanas é basicamente a mesma. São as mesmas pessoas – como diretores de harmonia, cantores, compositores, ritmistas, baianas, passistas e profissionais de barracão – que circulam entre as três escolas da Ilha do Governador, elaborando e reproduzindo discursos diferentes que podem ou não endossar o processo de produção simbólica daquele grupo.

Temos até aqui o Acadêmicos do Dendê como espaço de produção simbólica que admite certos valores, muitas vezes atribuídos e idealizados para espaços segregados da cidade. O Acadêmicos do Dendê é considerado por seus integrantes dentro da Ilha do Governador escola pertencente ao “morro”. O espaço proibido e impuro já descrito, em que apenas os próprios moradores do Dendê devem protagonizar a mobilização colaborativa que resulta no desfile e na própria *performance* do desfile, fora de seu “pedaço”.

Além disso, os componentes do Dendê valorizam a apresentação da escola frente ao restante da escola, aproveitando-se da “identidade englobante”, como vimos. A expressão da “identidade englobante” indica a União da Ilha como a maior escola do bairro e emerge frente à cidade com suas características próprias, sob prisma bem particular em relação a seu espaço ou ainda seu pedaço (MAGNANI, 2002).

Vista pelo prisma da União, a Ilha do Governador passa a ser o pedaço da alegria ou, melhor, das camadas médias, uma pequena burguesia bem-humorada, criativa e alegre. Interessante como essa visão emerge em meio a espaço que, como observamos, historiograficamente é caracterizado por ocupação de caráter conservador, pois o bairro foi

de início majoritariamente habitado por militares e seus familiares (IPANEMA, 1991). Por outro lado, temos no Dendê, segundo seus componentes, uma “escola de chão”, descrita pelos sambistas como a que “está mais próxima dos moradores do morro”, ainda que muitos de seus componentes não o sejam.

Logo, esse conjunto de imagens atribuídas foi retrabalhado pelos componentes e principalmente pelos dirigentes do Dendê, com a entrada do grupo de Luana na política da escola. Inicialmente, essa mudança pode ser percebida no discurso para justificar a opção por um enredo patrocinado e não por um enredo folclórico. O enredo “Pode preparar o seu confete, que esse ano na avenida tem Manchete”, era justificado pela “alegria” e “leveza” do tema. Para tanto, foi criado todo um clima de descontração, que se aproximava do “bom, bonito e barato” da União da Ilha. Assim, a maior parte dos integrantes da organização da escola foi modificada, com a substituição de especialistas anteriores pelos indicados por patrocinadores. Foi o que aconteceu com o carnavalesco e seus auxiliares e a assessoria de imprensa; chegou-se mesmo a se especular sobre a possibilidade de alterações em outras áreas e setores fora daqueles encarregados dos aspectos plásticos e visuais do desfile, o que de fato não se concretizou.

8. Enredo do Carnaval de 1980 da União da Ilha quando a escola contou sua história. A fórmula para os desfiles da União da Ilha, que segundo seus componentes agradam e conquistam o público mesmo sem apresentar “um carnaval luxuoso”, seria o “bom, bonito e barato”.

A análise comparativa com outros municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro enquadrados na mesma hierarquia competitiva pode ser esclarecedora de tal contexto analítico em que se colocam as escolas insulanas. A situação aqui descrita contrasta com as relações das escolas de Niterói. Entre Cubango, Viradouro e Sossego temos um contexto de rivalidade de natureza bem diferente. Quando lançamos o olhar sobre a própria zona da Leopolina, vemos também quadro contrastante posto que Unidos de Lucas e Acadêmicos de Vigário Geral têm contexto diametralmente oposto ao das escolas de Jacarepaguá, como Unidos do Anil, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Império da Praça Seca, União de Jacarepaguá, Tradição, União do Parque Curicica e Renascer de Jacarepaguá.

Portanto, refletir cientificamente sobre as relações entre essas escolas e seus componentes nos afasta de conclusões precipitadas que descartam a importância para o carnaval carioca das mais elementares unidades, das escolas “pequenas” localizadas na base da pirâmide hierárquica. Elas contornam e povoam de vivacidade o ambiente urbano e o circuito cultural das escolas de samba.

As relações desenvolvidas pelo Acadêmicos do Dendê com a Ilha do Governador e com a cidade do Rio de Janeiro revelam a importância das pequenas escolas na vida da cidade. Muito mais do que um pequeno organismo, uma pequena instituição, elas são palco de conflitos que envolvem interesses dos mais diversos atores citadinos. Seus dilemas refletem as dimensões mais complexas da metrópole. A participação e sua representatividade têm caráter revelador em relação às redes de cooperação artísticas influentes no universo das escolas de samba. Olhar não só o Acadêmicos do Dendê como todas as

pequenas escolas de samba mostra como esse campo de estudos é fértil para a abordagem da antropologia urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIERI, Ricardo. J. Cidade do Samba: Do barracão de escola às fábricas de carnaval. In: CAVALCANTI, M. L.; GONÇALVES, R. S. *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008, p. 125-144.
- BARTH, Fredrik. *O guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2000.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Ed.Francisco Alves, 1976.
- CAVALCANTI, Maria. Laura. Espetacularidades, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. v.3. n.1. p. 17-27. 2001.
- _____. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2006a.
- _____. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, 2006b, p. 17-27.
- FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FOOTE-WHYTHE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- ÍNDIAS, Graça C.; COSTA, Antonio. F. Bairros: Contexto e Intersecção. In: VELHO, G. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 58-79.
- IPANEMA, Cibele. *História da Ilha do Governador*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Marcello de Ipanema, 1991.
- KUSCHINIR, Karina. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 17, n.49, p. 11-29. 2002.
- _____. *Festa no pedaço*. São Paulo: Unesp, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme; TORRES, L. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP, 1998.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- PARK, Robert. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 26-67.
- TURNER, Victor. *Schism and continuity in an african society: a study of Ndembu village life*. Washington: Berg, 1996.
- ZALUAR, Alba. Carnaval e clientelismo político. *Cadernos Ceru*, v.1. n..3. 1985, p. 36-64.

Ricardo José Barbieri é doutorando e mestre em antropologia pelo PPGSA/UFRJ.